

# O Sarney africano

A política africana do Brasil, que começa a dar sinais de recuperação depois de perigosa "enfermidade", tem um poderoso aliado: nada menos que o presidente José Sarney. O chefe de governo não tem perdido oportunidade para demonstrar que gosta de ver o Brasil sintonizado com a África Negra e distante da África do Sul.

Em mais de uma ocasião, Sarney recordou que acompanha com interesse os passos diplomáticos do Brasil e com atenção a política africana, que ganhou maior impulso a partir do governo Geisel, em 1974. Por exemplo: sempre lembra que lhe coube a tarefa de saudar, no Congresso, o nascimento da República Popular de Moçambique, liberta do colonialismo português. Por isso, Sarney ficou chocado quando o ex-chanceler Olavo Setúbal fez comentários não muito simpáticos ao chefe de governo moçambicano, Samora Machel. O presidente do Brasil esteve nas Nações Unidas, no ano passado, para abrir a Assembléia-Geral e ele e seu ministro das Relações Exteriores encontraram-se com Machel.

Machel é uma figura descontraída, plena de frases e gestos. Vivi essa experiência de perto em 1980, quando estive uns vinte minutos conversando com ele, ambos à espera do então chanceler Saraiva Guerreiro, no palácio presidencial. Tentando imitar a pronúncia brasileira, Machel me perguntava seguidamen-



te, no seu indistigável sotaque lusitano: "Então, tudo bem, tudo bem? Não é assim que vocês fazem no Brasil?" Repetia a indagação, caminhava de um lado para o outro, exibindo uma farda impecável e me perguntava pela Bahia. Sorria o tempo todo e, em nenhum momento, pareceu demonstrar contrariedade pela demora do chanceler Guerreiro. Quando o ministro chegou, Machel ficou de

mão dada com ele, em um claro gesto de carinho africano.

O ex-chanceler Olavo Setúbal não escondeu seu descontentamento com essa forma extrovertida de Samora Machel agir, na ONU. Já o presidente Sarney não disfarçou seu choque com a surpresa do Ministro. E pareceu estar sempre muito à vontade com o líder moçambicano.

São sintomas interessantes do desabarço com que o presidente Sarney sabe enfrentar o relacionamento Brasil-África. Enquanto Setúbal foi chanceler, o presidente e ele não cantavam o mesmo samba, em matéria de África. Com Abreu Sodré é diferente. Ele e Sarney não estão "atravessando" o samba.

## Palestra

A primeira dama do Uruguai, Marta Canessa Sanguinetti, estará nesta capital, dia 3 de junho, para proferir no dia seguinte, na UnB, palestra sobre "O valor do espaço platense através da fundação da colônia do Sacramento". Ela é professora de História em seu país.